

## Artigo

# Corporações e usos informacionais do território: uma análise da atuação das empresas de consultoria no Brasil

**Boletim Paulista de Geografia**

**Nº: 113**

**Ano: 2025**

  **BRENDA RUTCHAY DA SILVA MAIA**  
Universidade Federal da Integração Latino-Americana  
engbrendarutchay@gmail.com

  **SÉRGIO HENRIQUE DE OLIVEIRA TEIXEIRA**  
Universidade Federal da Integração Latino-Americana  
sergio.teixeira@unila.edu.br

MAIA, Brenda R. S.; TEIXEIRA, Sérgio H. O. T. Corporações e usos informacionais do território: uma análise da atuação das empresas de consultoria no Brasil. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 113, p. 120–142, 2025. <https://doi.org/10.61636/bpg.v1i113.3571>.

Recebido em: 29 de julho de 2024

Aceito para publicação em: 24 de fevereiro de 2025



## **Corporações e Usos Informacionais do Território: uma análise da atuação das empresas de consultoria no Brasil**

### **Resumo**

Os usos da informação na globalização têm se tornado cada vez mais presentes, impactando territórios e criando novos agentes na configuração do espaço. Destacam-se, entre eles, aqueles ligados ao uso intensivo da informação, tais como as empresas de consultoria e auditoria. Dentre elas, focamos em investigar o papel do grupo denominado de "Big Four". Tratam-se das quatro maiores empresas de auditoria e consultoria do mundo: PwC (antiga PricewaterhouseCoopers), Deloitte, EY (antiga Ernst & Young) e KPMG. Sua crescente influência abrange análises de mercado, formulação de estratégias de desenvolvimento regional, análise de banco de dados, assessoria em privatizações e outras funções que, se consideradas em seu conjunto, têm implicações profundas na divisão técnica, social e territorial do trabalho contemporâneo. A partir de análises quantitativas e qualitativas, investigamos a topologia dos escritórios das "Big Four" no Brasil e sua relação com os nós dinâmicos da rede urbana. É por meio da localização nos nós de maiores densidades técnicas que essas empresas conseguem comandar todo o território, tendo como efeito o controle de amplos circuitos espaciais produtivos. Portanto, as empresas de consultoria e tecnologia da informação contemporâneas são agentes-chave na criação de um novo mapa da geografia econômica global, moldando a maneira como as economias interagem. Os resultados da pesquisa mostram uma estreita relação entre a presença dessas empresas em cidades estratégicas e os fluxos informacionais e de gestão que circulam na rede urbana brasileira, assim como sua crescente importância nas articulações do planejamento territorial por meio de um uso corporativo do território.

**Palavras-chave:** Globalização; Planejamento Territorial; Planejamento Corporativo.

## **Corporations and Informational Uses of Territory: an analysis of the role of consulting companies in Brazil**

### **Abstract**

The use of information in globalization has become increasingly prevalent, impacting territories and creating new agents in spatial configuration. Among these, those related to intensive information use, such as consulting and auditing firms, stand out. This study focuses on investigating the role of the group known as the "Big Four." These are the four largest auditing and consulting firms in the world: PwC (formerly PricewaterhouseCoopers), Deloitte, EY (formerly Ernst & Young), and KPMG. Their growing influence encompasses market analysis, regional development strategy formulation, database analysis, privatization advisory, and other functions that, when considered collectively, have profound implications for the technical, social, and territorial division of contemporary labor. Through quantitative and qualitative analyses, we investigate the topology of the "Big Four" offices in Brazil and their relation to the dynamic nodes of the urban network. By positioning themselves in nodes of higher technical density, these companies manage to command the entire territory, resulting in the control of extensive productive spatial circuits. Therefore, contemporary consulting and information technology firms are key agents in creating a new map of global economic geography, shaping how economies interact. The research results reveal a close relationship between the presence of these companies in strategic cities and the informational and management flows circulating within the Brazilian urban network, as well as their growing importance in territorial planning through corporate use of territory.

**Keywords:** Globalization; Territorial Planning; Corporate Planning.

## Introdução

Os estudos sobre a informação como mercadoria valiosa (Dantas, 1994, 1999a, 1999b), e seu uso por corporações (Teixeira, 2013, 2018) que a utilizam como instrumento de dominação e subordinação das nações aos processos globais de espoliação, têm demonstrado a relevância da investigação do tema para se identificar os agentes que hoje influem na regulação do território<sup>1</sup>.

Falamos da regulação como forma de identificar as possibilidades de planejamento territorial que hoje são feitas pelas corporações por meio da gestão híbrida do território (Antas Jr, 2005) em conjunto com o Estado, por fora e por dentro. Se por dentro temos uma lógica gerencial (Dardot; Laval, 2016) de aplicação do privado às ações do Estado, por fora temos a lógica extrovertida de espoliação (Harvey, 2004) do bem público por meio de privatizações e concessões. Ambas somam-se na intervenção do privado no processo de planejamento, uma vez que ao tomarem o bem público como organização privada elas passam a acoplar o processo histórico dessas infraestruturas, tomando seus bens, dos quais às vezes esquecido, os bancos de dados se tornam a peça fundamental.

É nosso intento neste artigo, articular e indicar um dos agentes que passam a controlar o processo produtivo por meio do uso da informação como mercadoria. Seguimos assim, estudos anteriores que já focaram na questão (Teixeira, 2013; 2018), entretanto, aqui, chamamos a atenção para o processo de articulação territorial.

Entre esses agentes, focamos nas empresas que articulam os bancos de dados territoriais em proveito de mais valia global, tal como são os casos das consultorias estratégicas, dessa forma, buscamos seguir com estudos recentes que contribuíram para esse entendimento, com destaque para Silva (2002), Manzoni Neto (2007), Silva e Farias (2008), Teixeira (2013), Teixeira (2018), Teixeira e Silva (2011; 2019), Silva e Arruda (2023). Para compreender melhor esse processo, realizamos uma pesquisa que analisou a relação entre as empresas de consultoria e a rede urbana brasileira. A compreensão das relações entre essas empresas e o planejamento territorial é essencial para uma análise crítica das transformações em curso na Geografia econômica global e nas políticas

---

<sup>1</sup> A grande corporação passou a constituir, após a segunda guerra mundial, o mais importante agente da reorganização espacial capitalista. Sua ação traduziu-se, na escala mundial, em uma nova divisão internacional do trabalho (Cohen, 1981), geradora de uma espacialização sincrônica (Lipietz, 1988) que envolve a produção simultânea em diversos lugares das diferentes partes componentes de um mesmo produto, e no conseqüente comércio internacional entre subsidiárias de uma mesma corporação. Traduziu-se também no aparecimento de verdadeiras “cidades mundiais” (Shachar, 1983), onde estão as sedes das corporações que atuam como centros de gestão econômica e territorial de amplas áreas do globo (Corrêa, 2010 p. 213).

públicas contemporâneas. À medida que o mundo enfrenta uma crescente complexidade nos campos econômico, social e tecnológico, as empresas de consultoria emergem como atores-chave na definição de estratégias, tomadas de decisão e transformações territoriais.

A partir de análises quantitativas e qualitativas, como revisão bibliográfica e análise de mapas, investigamos a localização dos escritórios das principais empresas de consultoria no Brasil e sua relação com os nós dinâmicos da rede urbana. As conclusões indicam uma estreita relação entre a presença dessas empresas em cidades estratégicas e os fluxos informacionais e de gestão que circulam na rede urbana brasileira, atuando como espaços privilegiados de conformação e comando dos círculos de cooperação no território.

Além de mapear a localização dos escritórios das "Big Four" no Brasil, esta pesquisa também examina a crescente importância da informação como mercadoria na era contemporânea. As empresas de consultoria, ao utilizarem dados e análises estratégicas, não apenas orientam decisões empresariais e governamentais, mas também transformam a própria dinâmica do mercado e do território. Ao tratar a informação como um bem valioso, essas empresas influenciam a divisão técnica, social e territorial do trabalho, destacando-se como atores-chave no cenário econômico global. Assim, esta pesquisa busca compreender como a presença dessas empresas e seu manejo de informações estratégicas moldam a configuração espacial e as políticas de desenvolvimento regional no Brasil, revelando a profunda interconexão entre informação e poder econômico.

### **Pressupostos teóricos**

Partimos, conforme Santos (2020 [1996]), de uma concepção de espaço como um híbrido de objetos e ações entendidos em sua complementaridade. Dessa forma, não apenas como receptáculo das ações, entendemos o espaço e o ser humano de forma dialética, em que a intervenção no espaço se refaz no ser humano, tratando assim o espaço como instância social. Neste sentido, o espaço é também considerado como processo de disputa de poder na sociedade, por isso preferimos nesta pesquisa focar os elementos que designam poder ao espaço. Falamos então, do espaço utilizado e praticado, sinônimo de poder, em síntese: território usado.

É por meio dos escritórios (objetos técnicos), localizados nos pontos luminosos, que a verticalização das ações globais se impõem como ação extrovertida na economia, sociedade e território.

O território, segundo Raffestin (1993), pode ser entendido como a delimitação no espaço no qual se exerce o poder. Segundo o autor, o território é a delimitação de poder que toma a base material

do espaço como delimitação das articulações entre agentes e infraestruturas, articulando nós, linhas e tessituras.

Ocorre que no último quartel do século XX houve mudanças que estremeceram o arsenal teórico. Por um lado, uma tendência de fetichização da informação foi imposta pelos poderes hegemônicos (Bell, 1978; Tomelin, 1988) e, por outro lado, sua generalização como processo inequívoco desacoplando da base material foi aceita sem críticas (Castells, 1999).

Seguimos aqui um caminho teórico diferente. Entendemos que os objetos são em si informacionais, uma vez que não operam sem essa camada já incorporada ao presente e trazemos à discussão o processo de digitalização de aprisionamento dessa informação em banco de dados privados, doravante que foram espoliados do bem público por agentes ligados ao setor quaternário (Tomelin, 1988). Dentre esses agentes, chamamos a atenção para aqueles que articulam informação e território.

A ascendência da informação como bem estratégico no período atual tem impactado diversos territórios nas mais variadas escalas, promovendo novos tipos de negócios e ramos de atuação, potencializando novos agentes na configuração do espaço. Tratam-se de agentes que fazem uso do controle e organização da informação territorial, que no período atual compõe-se de grandes corporações.

O fenômeno da globalização trouxe consigo uma transformação significativa na maneira como a informação é valorizada e utilizada, impactando diretamente a configuração dos espaços e a dinâmica das empresas contemporâneas. A partir dos processos que levaram à unicidade técnica (Santos, 2000) foi possibilitado que as empresas pudessem operar na escala do mundo de maneira simultânea, articulando suas atividades à dinâmica do capitalismo “just in time” de acumulação flexível (Harvey, 1992; Antunes, 1999). A informação, antes vista apenas como um meio, agora se configura como um dos principais ativos na economia global, transformando-se em uma verdadeira mercadoria essencial para a competitividade das empresas.

Segundo Dantas (1994), a informação é vista como um recurso valioso devido à sua capacidade de modulação de energia que provoca mudanças em um ambiente específico. Ela se materializa através de variações de frequências sonoras, luminosas, elétricas, entre outras, que um agente (como uma empresa) pode processar e utilizar para direcionar ações estratégicas. Este entendimento da informação se alinha com a visão de que ela é um fator determinante na criação de valor dentro das relações sociais capitalistas. Dantas (1994) ressalta que o valor da informação reside na sua

capacidade de ser processada e comunicada, influenciando diretamente o valor das mercadorias. A utilidade do trabalho vivo, em termos de Marx, é a competência para transformar o trabalho morto (ou passado) em novos valores de uso, ou seja, novos produtos. Dessa forma, a informação adiciona ou conserva a utilidade das mercadorias, tornando-se um componente crucial no processo produtivo. A capacidade de uma empresa de gerar, recuperar e utilizar a informação de maneira eficiente pode, portanto, ser vista como uma fonte de valor econômico.

As empresas de consultoria, por exemplo, surgem como atores centrais no cenário econômico moderno, utilizando a informação para oferecer análises de mercado, desenvolver estratégias regionais, e assessorar processos de privatização (Silva; Teixeira, 2019). A informação processada por essas empresas não apenas auxilia na tomada de decisões, mas também redefine a divisão técnica, social e territorial do trabalho. Esta capacidade de processar, comunicar e aplicar a informação, efetivamente transforma a própria natureza do trabalho, tornando-o informacional e, portanto, potencialmente mercadológico.

O capitalismo é uma força dinâmica que está sempre em busca de novas oportunidades de lucro e que, como resultado, está constantemente reorganizando a produção em resposta às mudanças nas condições econômicas para sua ampliação, impulsionadas por uma variedade de forças, incluindo a globalização, as mudanças tecnológicas e a concorrência. E para isso, é necessário estabelecer novas estruturas institucionais e organizacionais, muitas vezes com apoio ou incentivo explícito do Estado (Harvey, 2013).

No contexto de um território organizado em redes, alguns atores possuem mais poder do que outros. Aqueles que produzem e controlam as redes técnicas buscam transformá-las em instrumentos de poder territorial. Consequentemente, os atores que têm o poder de construir e controlar as interações também têm a capacidade de controlar os territórios onde estão presentes (Dias, 2007).

De acordo com Mattelart (2001), em um cenário de complexas redes de interconexões, surge uma informação organizacional que poucas e poderosas corporações têm acesso. Isso leva à instalação de estruturas desiguais, pois a informação essencial é exclusiva e circula apenas em circuitos restritos. Cerca de noventa por cento dos dados transmitidos por satélites são trocados entre grandes corporações, e metade das mensagens transnacionais é processada pelas redes de empresas multinacionais (Santos, 2020 [1996]).

É nesse sentido que a reestruturação produtiva (Harvey, 1992; Antunes, 1999) possibilitou que surgissem espaços amplos de articulação em circuitos, o que nos autoriza conforme Santos (1985, 1993, 2020 [1996]) em adjetivá-los de espaciais pois fixam e especializam em determinados territórios. Ao mesmo tempo, para organizar esse processo, se estabelecem círculos de cooperação de organização. É dentro do círculo que os bancos de dados atuam, pois são, no período atual, o bem de maior valor na articulação da produção, em uma verdadeira geopolítica dos bancos de dados.

Segundo Santos (2000), o circuito espacial é a expressão espacial da divisão territorial do trabalho e engloba todos os elementos da economia, desde a produção até a distribuição e o consumo. É o circuito em que as mercadorias são produzidas em um determinado lugar e vendidas em outro, por meio de fluxos comerciais que podem ser nacionais ou internacionais.

O uso do termo "circuito espacial produtivo" (CEP) é de extrema importância na análise geográfica devido à sua intrínseca relação com a ideia de movimento.

A divisão territorial do trabalho pode nos dar apenas uma visão mais ou menos estática do espaço de um país. (...) Mas para entendermos o funcionamento do território é preciso captar o movimento, daí a proposta de abordagem que leva em conta os circuitos espaciais da produção de bens e produtos e, por isso, oferecem uma visão dinâmica, apontando a maneira como os fluxos perpassam o território (Santos; Silveira, 2001, p.143).

Já o círculo de cooperação é composto por um conjunto de empresas e instituições que trabalham juntas em uma determinada região ou setor, com o objetivo de compartilhar recursos e conhecimentos e aumentar a competitividade de todos os envolvidos (Santos, 2000).

Castillo e Frederico (2010) argumentam que o reconhecimento dos principais atores envolvidos e a forma como estabelecem círculos de cooperação no espaço (CCE) são elementos essenciais. À medida que as etapas de produção estão espalhadas geograficamente, os atores que as impulsionam também se encontram em diferentes localizações, possuindo maior ou menor capacidade de influenciar a produção. Esses diversos atores, com objetivos e perspectivas próprias, interagem dentro de círculos de cooperação cada vez mais intensos e amplos. Esses CCEs podem incluir colaboração entre empresas, autoridades locais, regionais e nacionais; entre empresas, associações e instituições, entre outros. É importante destacar a necessidade de analisar as especificidades dos CCEs estabelecidos, bem como as respectivas escalas de poder dos diferentes atores envolvidos. Essa compreensão é essencial para entender as dinâmicas de produção e

relacionamentos em diferentes contextos geográficos, tais como os que trazemos aos debates por meio das empresas de consultoria.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada para esta pesquisa consistiu em uma análise quantitativa e qualitativa baseada em pesquisa de banco de dados e uma sistemática revisão documental e bibliográfica. Foram levantados artigos, teses, dissertações e outros documentos relacionados ao tema de consultorias, redes urbanas e territórios de poder. Os dados foram coletados por meio de leitura crítica e seleção dos conteúdos relevantes para a investigação. A análise dos dados ocorreu por meio de interpretação dos conteúdos selecionados e da elaboração de sínteses que permitiram a identificação das relações entre os conceitos e fenômenos investigados. A partir da análise dos dados, foram elaboradas as conclusões e considerações finais da pesquisa.

A coleta de dados para esta pesquisa foi realizada em duas etapas. Primeiramente, os portais das “Big Four” foram consultados para a obtenção de informações sobre a localização de seus escritórios e o número de colaboradores em cada um deles. Em seguida, o portal da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) serviu como fonte para identificar as empresas auditadas pelas consultorias. Após a coleta, os dados foram tabulados no software “Excel”, possibilitando a criação de gráficos e mapas para análise visual e interpretação dos resultados. Os mapas foram elaborados com o software livre “Qgis”, multiplataforma de Sistema de Informações Geográficas (SIG) que provê visualização, edição e análise de dados georreferenciados.

## **Desenvolvimento**

### **Big data e empresas de consultoria**

Na emergência da evolução dos processos de articulação dos CCEs, temos as empresas de consultoria como organizadoras dos CEPs de diversos bens em escala global. É dentro deste círculo que atuam as empresas de consultoria e auditoria, que exercem a gestão do processo produtivo em escala global, responsáveis por coordenar informações estratégicas para viabilizar a operação entre as empresas presentes nos diversos territórios.

Como dissemos anteriormente, essas empresas ganharam destaque especialmente após a revolução Informacional (Lojkine, 1995) dos anos de 1970, que permitiu a aplicação de informações a modelos de gestão e à reestruturação industrial, levando a uma nova forma de organização empresarial, tal como têm demonstrado Teixeira e Silva (2011), Teixeira (2013; 2018). Trata-se de

empresas que ficaram conhecidas como "Big Four". Elas têm dominado o mercado mundial de consultoria e auditoria.

As "Big Four" são as quatro maiores empresas de auditoria e consultoria do mundo, que incluem a PwC (antiga PricewaterhouseCoopers), Deloitte, EY (antiga Ernst & Young) e KPMG. Elas são consideradas líderes no mercado de serviços de auditoria, consultoria e assessoria empresarial. Essas empresas atuam em média de 150 países com diversos escritórios.

Além de oferecer serviços de auditoria financeira para empresas, as Big Four também oferecem uma ampla gama de serviços de consultoria, incluindo estratégia empresarial, fusões e aquisições, gerenciamento de riscos, consultoria tributária, consultoria em tecnologia da informação, consultoria em recursos humanos, entre outros. Todas essas atribuições são na verdade a alocação e tratamento de banco de dados organizados.

O valor informacional não reside simplesmente no dado bruto, mas no tratamento e organização destes dados para expressar um processo produtivo específico, objetivo pelo qual as empresas de consultoria são contratadas. Vejamos alguns exemplos que ilustram essa dinâmica. O Corinthians (clube poliesportivo brasileiro da cidade de São Paulo, capital do estado de São Paulo), por exemplo, assinou contrato com a KPMG, uma das quatro maiores empresas multinacionais do setor de auditoria, consultoria e assessoria tributária, para auxílio na renegociação de dívidas e na captação de novos recursos. Esta parceria visou viabilizar uma reestruturação do clube, demonstrando como a KPMG utiliza sua expertise para coletar, tratar e organizar dados financeiros de maneira a oferecer soluções estratégicas e práticas para problemas complexos de gestão (Canhedo, 2024).

Outro exemplo significativo é a atuação da antiga Ernst & Young (EY) na reconstrução do Rio Grande do Sul após as enchentes de 2024. A EY foi contratada para mapear as fontes de recursos nacionais e internacionais disponíveis para a reconstrução e determinar formas viáveis de acesso a esses fundos (Junqueira, 2024). Esta tarefa envolve não apenas a coleta de dados sobre potenciais fontes de financiamento, mas também a organização e interpretação desses dados para desenvolver uma estratégia eficaz de captação de recursos.

Dados esses exemplos, nos é claro que a valorização dos bancos de dados são em verdade informação trabalhada, portanto preenchida de valor (Dantas, 1994; 1999a) que se transmuta em grandes ativos para as corporações mundiais. O exemplo de suas articulações financeiras no território brasileiro demonstra isso.

Um caso notório que destaca a importância do tratamento de dados é o escândalo financeiro envolvendo as Lojas Americanas S.A., onde um rombo de R\$20 bilhões foi detectado nas informações contábeis (Scaff, 2023). A PwC, uma das maiores corporações de consultoria e auditoria do mundo, era responsável pela auditoria das demonstrações financeiras da varejista. Este episódio levantou sérias dúvidas entre investidores sobre a eficácia e a precisão do trabalho realizado pela auditoria, enfatizando como a organização e interpretação dos dados são cruciais para evitar fraudes e inconsistências financeiras.

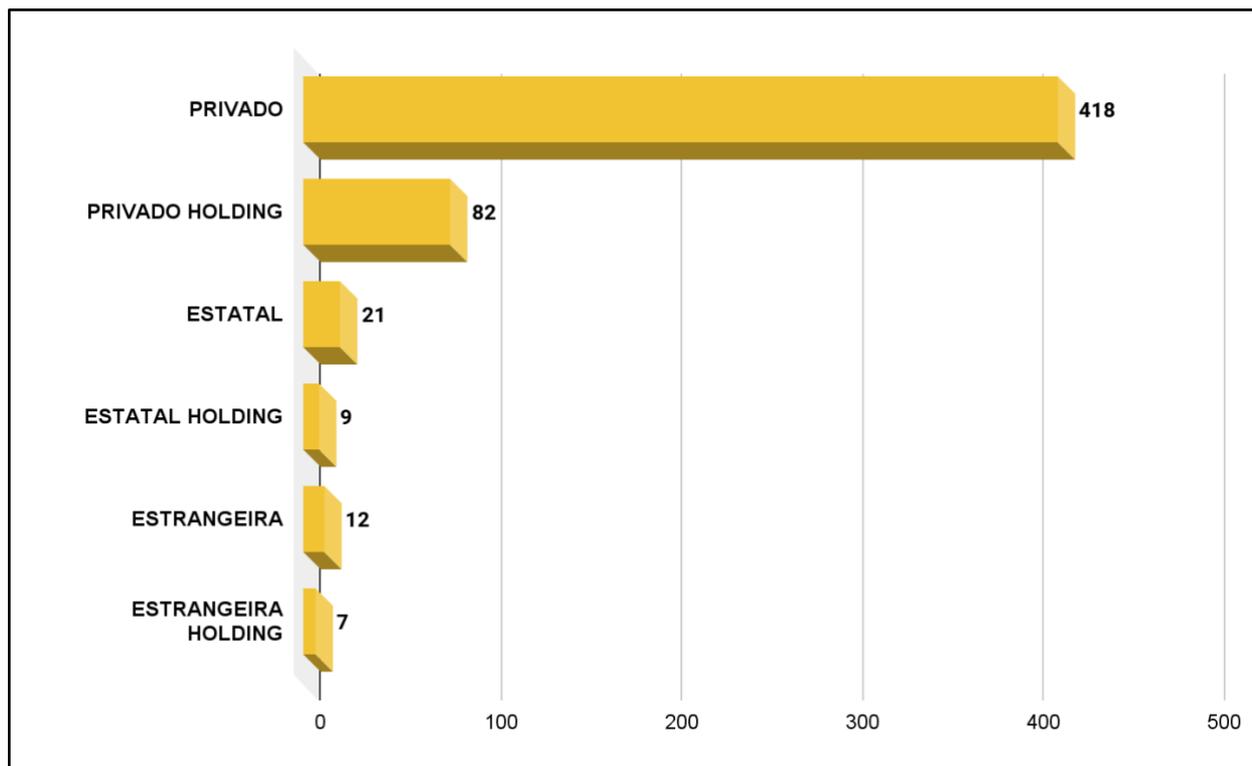
Esses exemplos sublinham que a verdadeira importância da informação está na capacidade de transformá-la, através de tratamento especializado e organização estratégica, em compreensão e soluções que respondam às necessidades específicas dos processos produtivos para os quais são contratadas as empresas de consultoria.

As quatro maiores empresas de consultoria e auditoria, conhecidas como "Big Four", têm uma presença significativa e desempenham um papel importante no mercado brasileiro. A PwC possui 15 escritórios e 4.000 funcionários, auditando 139 empresas (PwC, 2024). A Deloitte, por sua vez, tem 15 escritórios, 6.000 funcionários e audita 109 empresas (Deloitte, 2024). A EY também possui 15 escritórios, 4.000 funcionários e audita 165 empresas (EY, 2024). Já a KPMG conta com 24 escritórios, 4.000 funcionários e audita 137 empresas (KPMG, 2024). Essas empresas desempenham um papel fundamental na prestação de serviços de consultoria, auditoria e assessoria, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento das empresas e da economia do país.

Com base na exigência legal estabelecida no Artigo 177 da Lei 6.404/76 (Brasil, 1976), que determina que as demonstrações financeiras das companhias abertas no Brasil devem ser auditadas por auditores independentes registrados na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), realizamos uma pesquisa para identificar quais corporações são auditadas pelas "Big Four". Essa pesquisa é uma fonte importante de informações atualizadas, uma vez que os dados são monitorados e atualizados diariamente, refletindo o panorama em constante evolução das empresas submetidas à auditoria por essas corporações informacionais.

As "Big Four" auditam um total de 550 corporações (CVM, 2023), sendo que destas, 418 empresas privadas, 82 empresas privadas com holdings, 21 empresas estatais, 9 empresas estatais com holdings, 12 empresas estrangeiras e 7 empresas estrangeiras com holdings, conforme a figura 1:

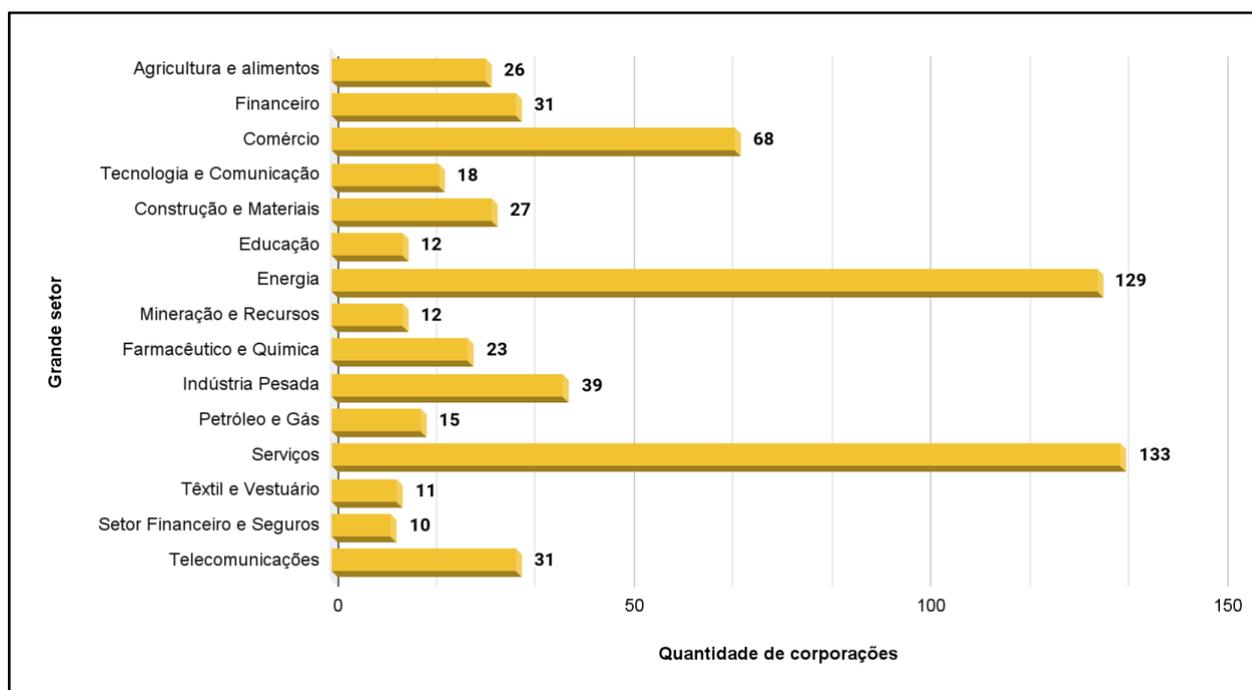
**Figura 1: Controle acionário das corporações auditadas pelas “Big Four” no Brasil.**



Fonte: elaborado pelos autores, baseado nas informações da CVM, 2023.

No âmbito deste estudo, é pertinente ressaltar que as 550 corporações objeto de análise apresentam diversidade de atuação em diferentes setores da economia (figura 2).

**Figura 2: Setores da economia das corporações auditadas pelas “Big Four” no Brasil.**



Fonte: elaborado pelos autores, baseado nas informações da CVM, 2023.

Neste contexto, merecem destaque a presença significativa no setor de infraestrutura de energia elétrica e nos serviços de transporte, sendo importante observar que estes segmentos estão em sua maioria suscetíveis a processos de privatização. A relevância desses setores reside na sua importância estratégica para o desenvolvimento econômico e na crescente tendência de reformas e reestruturações que têm sido implementadas, o que pode impactar diretamente o cenário corporativo.

A diversificação dos setores econômicos representados nas auditorias das "Big Four" é notável. Essa ampla variedade de setores, que vai desde agricultura e alimentos até serviços, telecomunicações e energia, demonstra a presença dessas empresas nas esferas mais diversas da economia global. Tal abrangência é um reflexo da sua influência e alcance cada vez maiores.

### **Topologia das "Big Four" no território brasileiro**

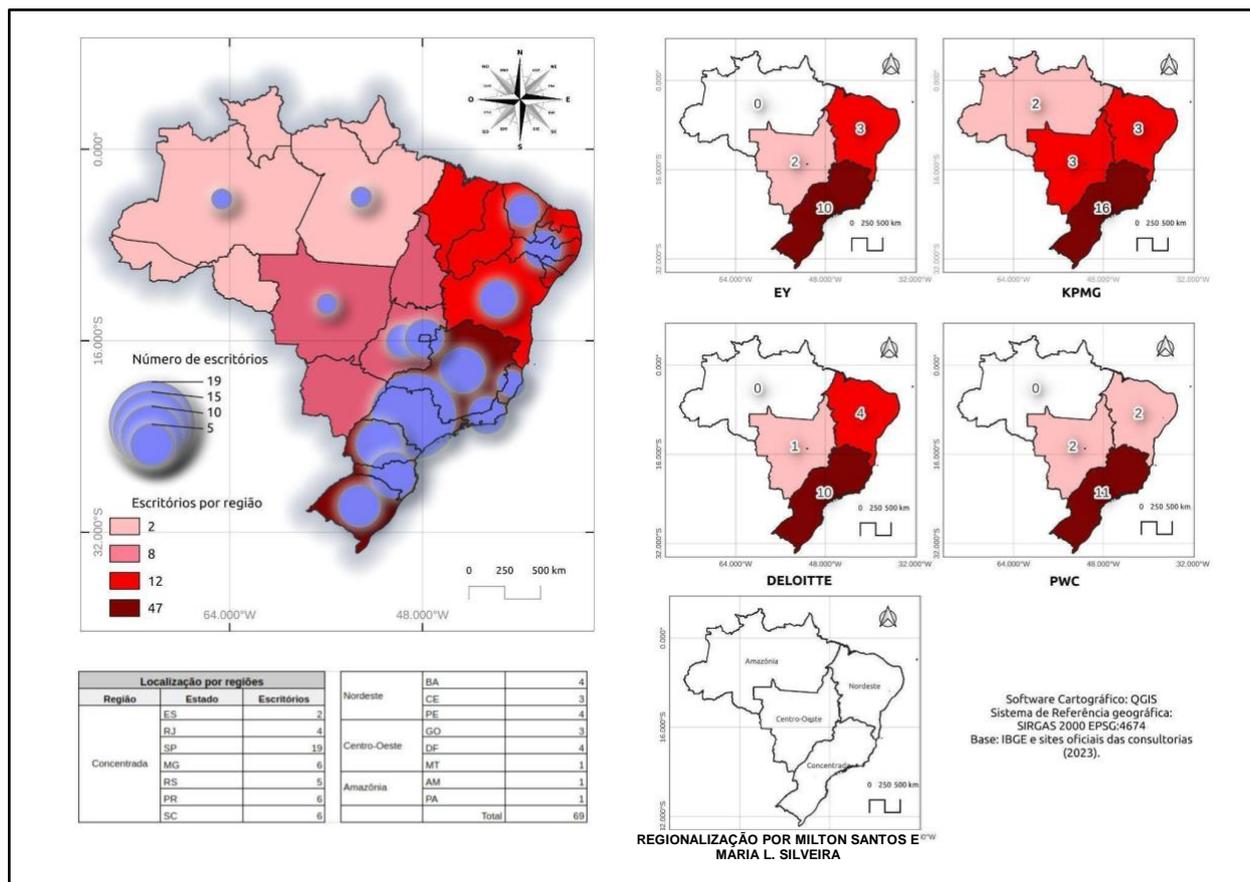
Para Teixeira e Silva (2019), a hipótese de alavancagem dos rendimentos das empresas de consultoria está diretamente ligada à sua entrada nos países subdesenvolvidos. São as empresas líderes das "Big Four" que operam esse crescimento, e o fazem a partir do domínio sobre situações geográficas de países subdesenvolvidos, financiadas por grandes empresas.

A chegada dessas empresas a países em desenvolvimento, como o Brasil, implica uma série de mudanças nas relações de poder econômico e político, uma vez que passam a ter influência direta na tomada de decisões das empresas e do Estado.

As empresas de consultoria utilizam as relações estabelecidas entre os núcleos urbanos, o território e o sistema urbano-regional para gerir suas redes de escritórios (Egler e Monié, 2002). Utilizando densidades técnicas e/ou informacionais, as empresas organizam seus escritórios de acordo com a lógica da rede urbana.

Analisando a topologia dos escritórios das Big Four no Brasil (figura 3) e os fluxos de gestão no território decorrentes da posição na rede urbana das cidades que abrigam os escritórios (figura 4), é possível identificar a nítida relação entre os escritórios (fixos) e os fluxos informacionais que compõem os comandos de gestão. Os escritórios estão distribuídos pelas principais cidades do país, formando uma rede de suporte aos negócios. Os escritórios são concentrados na sua maioria em São Paulo, e é possível observar que os escritórios das empresas em São Paulo localizam-se em nós dinâmicos da rede urbana paulista, nos pontos de maior hierarquia de comando e em estados como São Paulo (19), Paraná (6), e Santa Catarina (6).

**Figura 3: Topologia dos escritórios das “Big Four” no Brasil.**

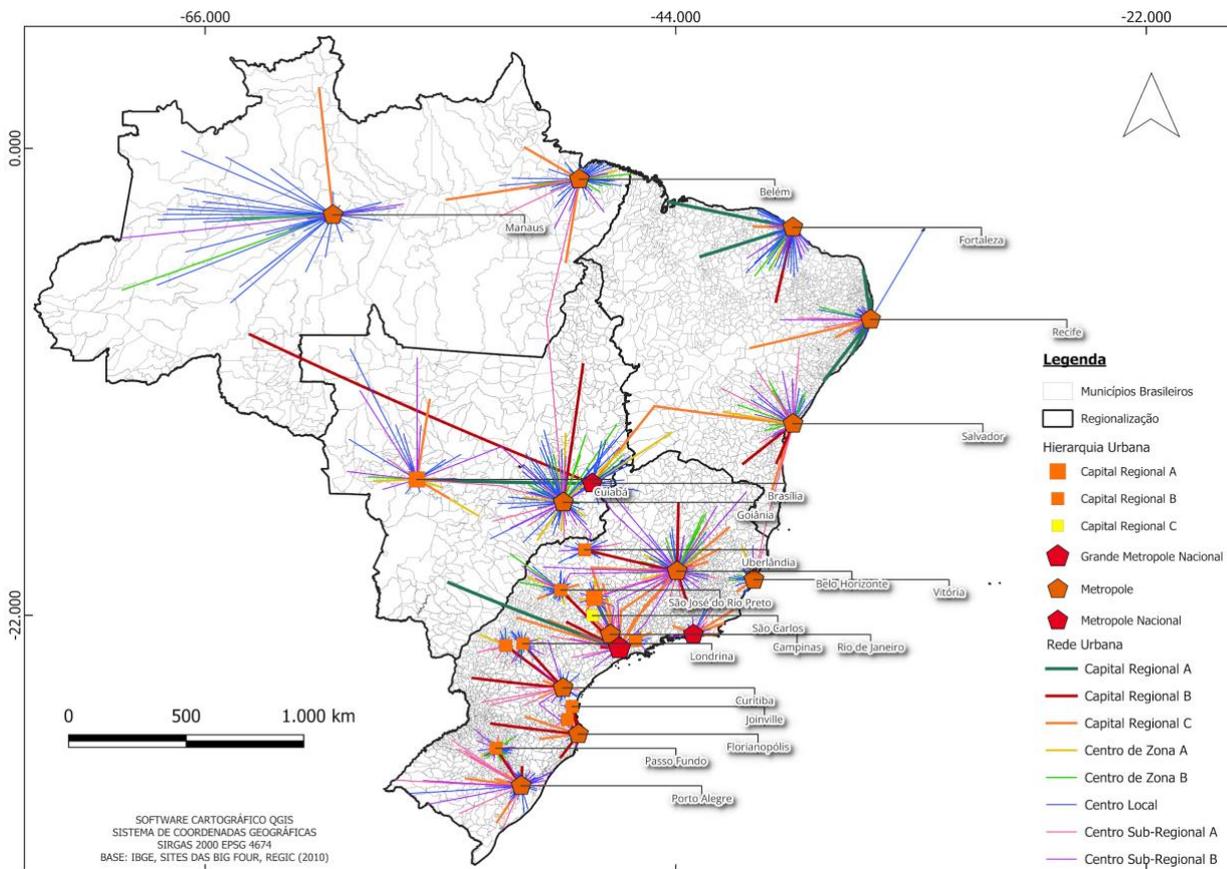


Fonte: Elaboração dos autores (2025).

A concentração dos escritórios das “Big Four” nas principais regiões metropolitanas e centros financeiros do Brasil evidencia a estratégia dessas empresas em se posicionar próximo aos polos econômicos mais dinâmicos do país. Esses polos incluem cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, e outras capitais estaduais que funcionam como núcleos de atividade empresarial e governamental.

Essas empresas estão situadas em áreas de alta hierarquia de comando dentro da rede urbana (Figura 4) que estão em locais estratégicos para coordenar e controlar operações e interações em todo o país. Além de São Paulo, a presença em outros estados, como Paraná e Santa Catarina, pode ser estratégica para atender a diferentes mercados regionais. Essa distribuição regional pode refletir a diversificação das operações das empresas e a busca por oportunidades em diversas partes do país.

**Figura 4: Localização das cidades que abrigam escritórios da “Big Four” no Brasil e as suas respectivas redes urbanas.**



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

A presença das empresas em locais de alta densidade técnica é uma das estratégias adotadas pelas corporações para garantir o sucesso de suas operações. No caso das grandes consultorias, como as "Big Four", a localização dos escritórios é um fator crucial para garantir a efetividade de seus serviços. Ao se estabelecer em cidades que possuem universidades renomadas, setores de serviços modernizados e diversificados e um setor produtivo de alta tecnologia, essas empresas conseguem se conectar com um ambiente de negócios favorável e atrair clientes de diversos segmentos. Além disso, segundo Teixeira e Silva (2019), a escolha desses locais estratégicos permite que a empresa se torne um centro de comando e controle da rede urbana, garantindo uma posição privilegiada na conformação e comando dos CCEs, atuando como fluxos reguladores.

A distribuição espacial dos escritórios das "Big Four" revela como essas empresas utilizam a informação e a proximidade para influenciar processos econômicos e sociais de maneira significativa. A proximidade aos clientes é um fator essencial, pois estar localizado perto dos clientes permite a prestação de serviços de alta qualidade e uma resposta rápida às demandas do mercado.

Essa localização estratégica, principalmente em capitais, facilita a comunicação direta e a compreensão das necessidades específicas dos clientes, melhorando a eficiência e a eficácia dos serviços prestados. A habilidade de ajustar suas estratégias e serviços conforme as particularidades de cada mercado regional assegura uma cobertura mais abrangente e uma maior penetração no mercado.

A localização estratégica dos escritórios também contribui significativamente para o planejamento territorial, influenciando decisões sobre investimentos, desenvolvimento regional e políticas públicas. As “Big Four”, ao posicionarem seus escritórios em centros econômicos e capitais estaduais, conseguem influenciar o direcionamento de recursos e o desenvolvimento de infraestruturas essenciais para o crescimento econômico. Essa influência se estende à elaboração de políticas públicas e estratégias de desenvolvimento que visam promover um crescimento sustentável e equilibrado para os negócios corporativos.

Ademais, a centralização de dados é uma vantagem essencial que essas empresas obtêm ao estarem próximas aos centros econômicos. Com a proximidade aos centros financeiros e empresariais, essas empresas têm acesso facilitado a um grande volume de dados empresariais e governamentais. Este acesso privilegiado permite que elas realizem análises mais precisas e ofereçam soluções estratégicas bem fundamentadas. A capacidade de coletar, analisar e interpretar dados de maneira eficiente transforma a informação em um recurso valioso que pode ser utilizado para moldar decisões empresariais e políticas públicas.

A crescente influência das empresas de consultoria e da informação está promovendo mudanças significativas na divisão técnica, social e territorial do trabalho contemporâneo. Essas empresas estão transformando e aprofundando as regiões em que atuam em pontos luminosos das redes corporativas globalizadas. Através do uso de tecnologias avançadas e da análise de dados, as empresas de consultoria são capazes de identificar oportunidades e riscos em diferentes regiões e desenvolver estratégias para aproveitá-las.

A tecnologia desempenha um papel central nesse processo. Por meio da análise de dados avançada e do uso de ferramentas de última geração, as empresas de consultoria são capazes de identificar tendências emergentes e oportunidades de mercado em diversos setores. Essa capacidade não apenas as torna mais eficazes em suas operações, mas também permite que elas atuem como verdadeiras alavancas para o crescimento econômico regional. Como resultado, as regiões onde essas empresas se instalam tornam-se centros de inovação e desenvolvimento, atraindo

investimentos e talentos de todo o mundo. A influência dessas empresas não se limita apenas às áreas em que atuam, mas se estende para toda a rede urbana regional, contribuindo para uma transformação radical da geografia econômica global. Além disso, também impacta a infraestrutura e a qualidade de vida nas cidades onde estão localizadas. Elas muitas vezes exigem infraestrutura de última geração, serviços de transporte de alta qualidade e soluções de moradia acessíveis para atrair e manter os melhores talentos.

O efeito dessas empresas vai além dos limites das cidades em que estão presentes. Elas desempenham um papel fundamental na formação e articulação de redes econômicas que abrangem todo o planeta. Suas operações globais conectam regiões e países, influenciando as relações comerciais, o investimento internacional e o fluxo de conhecimento.

Portanto, as empresas de consultoria e tecnologia da informação contemporâneas são agentes-chave na criação de um novo mapa da geografia econômica global, moldando a maneira como as economias interagem.

### **Relação das empresas de consultoria sobre as formações socioespaciais**

A relação destas empresas com o que viemos discutindo sobre as ações articuladas no território, revelam um padrão de domínio destas empresas sobre os Estados nacionais. As grandes empresas de consultoria desempenham um papel cada vez mais significativo na formulação de políticas públicas e estratégias de desenvolvimento adotadas pelos Estados nacionais (Teixeira; Silva, 2019; Silva, 2002; Silva; Arruda, 2023) Seus relatórios de análise e recomendações muitas vezes moldam ações governamentais. Isso ocorre porque essas empresas têm conhecimento, recursos e experiência que os governos buscam para tomar decisões informadas.

A subordinação do Estado às corporações responsáveis por organizar a informação sobre o planejamento territorial deve ser lida, também, como uma mudança na concepção de ação pública. Disseminadas pelas grandes corporações de controle das informações organizacionais, ou como chama Silva (2002), informações produtivas, essas empresas repassam racionalidade globalizante às empresas que contratam seus serviços. Essas empresas verticalizam

sobretudo, a concepção da ação pública que mudou sob o efeito da lógica da competição mundial. Embora o Estado seja visto como instrumento encarregado de reformar e administrar a sociedade para colocá-la a serviço das empresas, ele mesmo deve curvar-se às regras de eficácia das empresas privadas (Dardot e Laval, 2016, p. 275).

A imposição de novas práticas gerenciais, lastreadas no ideário globalizante expressos nos relatórios de análises de conjunturas das consultorias globais leva o Estado a uma nova forma de atuação. Não que o Estado acabe por perder sua capacidade de intervenção; pelo contrário, a subordinação deste àquelas faz com que as práticas de Estado, entre elas o planejamento, passem a atuar de forma híbrida na produção do espaço geográfico. As corporações passam a tomar o Estado e exigem que este tome seus métodos e formas de atuação como *modus operandi* imposto à sociedade. As empresas de consultoria frequentemente promovem práticas gerenciais que estão alinhadas com o ideário globalizante. Isso pode incluir a promoção de políticas que buscam liberalizar economias, privatizar setores estatais e adotar abordagens de livre mercado. Por meio dessa atuação, temos a operação da substituição das salvaguardas dos direitos pelo consumo desenfreado e alienante. Tal como bem analisou Santos (2007), o processo em curso é o da substituição do cidadão pelo consumidor, da ideia de direitos pelo consumo. Nesse cenário não nos é surpreendente que as grandes empresas de consultoria tenham tomado as rédeas da disseminação da ideologia neoliberal. Para Dardot e Laval (2016, p. 274),

O management apresenta-se como modo de gestão “genérico”, válido para todos os domínios, como uma atividade puramente instrumental e formal, transponível para todo o setor público. Essa mutação empresarial não visa apenas aumentar a eficácia e a reduzir os custos e a ação do Estado; ela subverte radicalmente os fundamentos modernos da democracia, isto é, o reconhecimento de direitos sociais ligados ao status de cidadão.

Isso ocorre porque a expertise técnica oferecida por essas empresas é altamente valorizada, e os governos muitas vezes recorrem a elas para enfrentar desafios complexos.

A consideração cuidadosa da organização e do uso do território é relevante para entender como as atividades produtivas são distribuídas em diferentes localidades. A decisão de onde instalar as atividades econômicas é influenciada por vários fatores, incluindo recursos disponíveis, infraestrutura, força de trabalho qualificada e políticas governamentais. Além disso, a forma como os espaços produtivos são organizados internamente e como se relacionam entre si também desempenham um papel importante na eficiência e competitividade das empresas (Castillo e Frederico, 2010). A distribuição geográfica dos recursos afeta diretamente a produtividade e a lucratividade das empresas. Portanto, entender o uso do território é fundamental para o planejamento estratégico e o desenvolvimento econômico regional.

A disseminação das ideias econômicas promovidas pelas empresas de consultoria pode criar desafios territoriais. À medida que as regiões buscam atrair investimentos e se tornar mais

competitivas, podem surgir disparidades territoriais. Algumas áreas podem se tornar centros de inovação e prosperidade, enquanto outras lutam para acompanhar.

A relação entre as empresas de consultoria, notadamente as renomadas "Big Four", e o planejamento territorial é intrincada e relevante no contexto do desenvolvimento regional. A crescente influência dessas empresas está associada a mudanças significativas na divisão técnica, social e territorial do trabalho contemporâneo. Esta influência não é mero acaso, mas sim resultado de uma série de fatores interligados que afetam a conformação e a dinâmica dos territórios.

Essas empresas desempenham um papel de destaque ao fornecer análises aprofundadas e consultoria estratégica tanto para empresas privadas quanto para órgãos governamentais. Suas atividades abrangem desde análises de mercado até a formulação de estratégias de crescimento, o que é de importância crítica no contexto do planejamento territorial. A capacidade dessas empresas de identificar oportunidades de investimento e desenvolvimento em regiões específicas têm um impacto significativo na direção de recursos e investimentos para áreas que podem se beneficiar do desenvolvimento econômico.

Além disso, as empresas de consultoria aconselham governos na formulação de políticas públicas relacionadas ao planejamento territorial. Isso inclui a regulamentação de uso da terra, zoneamento, políticas de desenvolvimento urbano e regional, entre outras.

É nesse sentido que podemos falar aqui de uma regulação híbrida do território (Antas Jr., 2005) como forma de gestão das formações socioespaciais, que são aplicadas ao que foi definido por Teixeira (2018) como planejamento corporativo do território.

### **Considerações finais**

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar como as empresas de consultoria e a informação têm um papel fundamental na divisão técnica, social e territorial do trabalho contemporâneo. As empresas utilizam-se da lógica das redes urbanas para posicionar estrategicamente seus escritórios em nós dinâmicos da rede, onde há maior fluxo de informação e articulação com outras empresas e instituições. Esses locais se tornam, então, "pontos luminosos das redes corporativas globalizadas" (Teixeira; Silva, 2011, p.13).

As "Big Four" desempenham um papel crucial no cenário econômico brasileiro, com presença significativa em diversos setores. As análises realizadas revelam a extensão da cobertura dessas empresas e sua importância estratégica em setores-chave, como infraestrutura de energia elétrica

e serviços de transporte, que estão sujeitos a processos de privatização. Com um total de 550 corporações auditadas, distribuídas entre diversos setores e estruturas acionárias, as "Big Four" demonstram uma notável diversidade de atuação. Essa abrangência reflete não apenas a influência dessas empresas, mas também a sua capacidade de se adaptar e manter presença nas esferas mais diversas da economia global. Essa diversificação, aliada à sua expertise em serviços de consultoria e auditoria, destaca a relevância e o impacto das "Big Four" no desenvolvimento econômico e na configuração do cenário corporativo contemporâneo.

A capacidade de gerar, processar e aplicar informação agrega valor às mercadorias, e redefine as estruturas de produção e as estratégias empresariais. As empresas de consultoria exemplificam essa transformação, atuando como intermediárias essenciais na gestão e distribuição da informação, e consequentemente, na configuração do espaço econômico e social global.

Utilizando a rede urbana como base estratégica para a gestão de seus escritórios, essas consultoras se estabelecem em locais estratégicos, como São Paulo, formando uma rede de suporte nacional. Essa distribuição estratégica reflete a busca por efetividade em seus serviços, e a diversificação para atender diferentes mercados regionais. A influência dessas empresas transcende os limites locais, impactando a infraestrutura, qualidade de vida e articulação de redes econômicas globais. A concentração de escritórios em cidades polarizadoras da rede urbana pode gerar assimetrias territoriais, concentrando o poder decisório em determinadas regiões.

Dessa forma, as "Big Four" e suas operações globais emergem como agentes essenciais na reconfiguração da geografia econômica global, moldando as interações entre as economias e desempenhando um papel vital na criação de um novo paradigma econômico globalizado.

Conclui-se, portanto, que a atuação das empresas de consultoria e a disseminação de informação contribuem significativamente para as transformações territoriais e socioeconômicas, impactando as regiões onde atuam de forma decisiva.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTAS JR, R. **Território e regulação: espaço geográfico, fonte material e não-formal do direito.** São Paulo: Editora Humanitas, 2005.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho.** São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

BELL, D. **O advento da sociedade industrial: uma tentativa de previsão social**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRASIL. Lei 6.404, de 15 de dezembro de 1976. **Dispõe sobre as sociedades por ações**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6404compilada.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6404compilada.htm). Acesso em: 19 ago. 2023.

CANHEDO, A. **Corinthians assina contrato com consultoria por auxílio na renegociação de suas dívidas**. Globo Esporte, São Paulo, 28 mai. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/noticias-corinthians-assina-acordo-auditoria-kpmg-dividas.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2024.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo**. Sociedade & Natureza, v. 22, p. 461-474, 2010.

Cias Abertas: Informação Cadastral - Portal Dados Abertos CVM. Disponível em: [https://dados.cvm.gov.br/dataset/cia\\_aberta-cad](https://dados.cvm.gov.br/dataset/cia_aberta-cad). Acesso em: 22 ago. 2023.

COHEN, R. B., **“The new international division of labour, multi-national corporations and urban hierarchy”**. In: Dear, M. e Scott, A. J. (ed.), *Urbanization and urban planning in capitalist society*. London: Methuen, 1981.

CORRÊA, R. L., **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DANTAS, M. **Trabalho com informação: investigação inicial para um estudo na Teoria do Valor**. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

DANTAS, M. **Capitalismo na era das redes: trabalho, informação e valor no ciclo da comunicação produtiva**. In: LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (Org.). *Informação e globalização na Era do Conhecimento*. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999a. p. 216-261.

DANTAS, M. **Da produção material à 'virtual': esboço para uma compreensão 'pós-clássica' da Teoria do Capital**. In: TAPIA, Ricardo; RALLET, Michel (Org.). *Telecomunicações, desregulamentação e convergência tecnológica: uma análise comparada*. 1. ed. Campinas: IE-UNICAMP, 1999b. p. 219-249.

DARDOT, P. LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

Deloitte. **Escritórios no Brasil**. 2024. Disponível em:

<https://www.deloitte.com/br/pt/offices/brazil-offices.html>. Acesso em: 25 jul. 2024.

DIAS, L. C. **Redes de Informação, grandes organizações e ritmos de modernização**. Revista etc..., espaço, tempo e crítica, v. 1, n. 2, jul. 2007.

EGLER, C. A. G.; MONIÉ, F. **Urbanização Mundial e no Brasil: mudanças recentes e perspectivas**. In: IPEA/IBGE/UNICAMP. (Org.). Estudos básicos para a caracterização da rede urbana no Brasil. Brasília: IPEA, v. 2, p. 319-343, 2002.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. Edições Loyola, 2004.

HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

JUNQUEIRA, C. **Governo do RS irá contratar mais duas consultorias internacionais para reconstrução**. Blog Caio Junqueira, 20 maio 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/caio-junqueira/nacional/governo-do-rs-ira-contratar-mais-duas-consultorias-internacionais-para-reconstrucao/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

KPMG. **Escritórios**. 2024. Disponível em: <https://kpmg.com/br/pt/home/sobre-a-kpmg/escritorios.html>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LIPIETZ, A. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1988.

LOJKINE, J. **Processo de globalização e territorialidade: dos sistemas urbanos às redes técnicas**. São Paulo: Hucitec, 1995.

MANZONI NETO, A. **O novo planejamento territorial: empresas transnacionais de consultoria, parcerias público-privadas e o uso do território brasileiro**. 2007. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

MATTELART, A. **Comunicação mundo: história das ideias e das estratégias**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

PwC. **Escritórios**. 2024. Disponível em: <https://www.pwc.com.br/pt/quem-somos/escritorios.html>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SHACHAR, A. **“A cidade mundial e sua articulação ao sistema econômico global”**. In: BECKER, B.; COSTA, R.; SILVEIRA, C. (orgs.). *Abordagens Políticas da Espacialidade*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação, Departamento de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983, p. 75- 97.

SANTOS, M. **Espaço e Método**, São Paulo. Nobel. 1ª edição, 1985.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020 [1996].

SCAFF, A. **Quem é PwC, a auditoria que aprovou as contas da Americanas (AMER3)**. Estadão, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/mercado/acoes-americanas-amer3-20-bilhoes-quem-e-pwc-auditoria/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SILVA, A. **São Paulo, produção de informações e reorganização do território brasileiro**. 2002. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, A.; FARIAS, H. **O BNDES e as empresas de consultoria na reorganização do território brasileiro na década de 1990**. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 13, p. 99-120, 2008.

SILVA, A; ARRUDA, T. **Empresas de consultoria e tendências do planejamento urbano-regional: um estudo a partir da McKinsey & Company**. In: ANPUR - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL. [S.l.], 2023. Disponível em: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/05/st02-31.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TEIXEIRA, S.; SILVA, A. **Os usos da informação estratégica sobre o território: a empresa de consultoria PricewaterhouseCoopers e o planejamento territorial**. *Revista Brasileira de Estudos*

Urbanos e Regionais, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 71, 2011. DOI: 10.22296/2317-1529.2011v13n2p71.  
Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/395>. Acesso em: 6 maio. 2023.

TEIXEIRA, S. **Círculos de informações e usos do território: grandes empresas de consultoria e a gestão da privatização no Brasil**. 2013. 125 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em:  
<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1621791>. Acesso em: 2 jul. 2024.

TEIXEIRA, S. **Planejamento, informação e circulação: as concessões dos aeroportos brasileiros e os usos corporativos do território**. 2018. (333 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em:  
<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1635575>. Acesso em: 2 jul. 2024.

TEIXEIRA, S. ; SILVA, A. **Informação e planejamento corporativo: a consultora Deloitte e suas articulações no território brasileiro**. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, v. 39, p. 1-22, 2019. DOI: 10.5216/bgg.v39i0.56606. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/56606>. Acesso em: 22 out. 2023.

TOMELIN, M. **O quaternário: seu espaço e poder**. Brasília: Editora da UNB, 1988.